



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/uma-semente/>

## UMA SEMENTE: relatos de propagações poético-pedagógicas

Annaline Curado<sup>1</sup>

Larissa Dutra<sup>2</sup>

**RESUMO:** Uma correspondência entre dois relatos poéticos de convivência com uma semente de algodão. Histórias dos percursos de uma semente, de como elas (as histórias e as sementes) podem ser catalisadoras de processos de aprendizagem em Arte e Cuidado, seja dentro ou fora de espaços formais de Educação. Um texto que veio sendo escrito ao longo dos últimos cinco anos, em conjunto, entre uma então estudante e uma então professora, sempre estudante também. Um ensaio que, como as sementes de um Ipê, lança-se nesse momento de seca como tática de propagação da vida, disseminação poética de processos pedagógicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte Relacional. Cuidado. Processos de Aprendizagem.

*A SEED: reports of poetic-pedagogical disseminations*

**ABSTRACT:** A correspondence between two poetic accounts of living with a cotton seed. Stories of the paths of a seed, of how they (stories and seeds) can be catalysts for learning processes in Art and Care, whether inside or outside formal spaces of Education. A text that has been written over the last five years, together, between a student and a teacher, always a student as well. An essay that, like the seeds of an Ipê, launches itself in this moment of drought as a tactic for the propagation of life, poetic dissemination of pedagogical processes.

**KEYWORDS:** Relational Art. Care. Learning Process.

---

### Annaline me deu uma sementinha.

Lá estava eu em meu primeiro período de faculdade no curso de Artes Visuais, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Annaline era professora e eu era estudante, estávamos utilizando uma sala de teatro, que era ampla e iluminada. Era frequente que usássemos aquela sala nas cadeiras que ela ministrava. Me lembro da palma e dos dedos alongados quando ela estendeu o braço na minha direção e em sua mão havia uma porção de sementes de diversos tipos e formatos que eu desconhecia até então, mas que foram distribuídas entre



estudantes da cadeira de Arte Ambiental. Escolhi as que considerei mais interessantes e diferentes, eram verdes e felpudas e logo descobri que eram sementes de algodão.

Eu estava animada e brincava dizendo que iria fazer minhas próprias roupas artesanais, 100% algodão. Naquele dia, recebi com muita empolgação a missão de plantar aquelas sementinhas. Inicialmente eram três sementes, as três brotaram e botaram a cara no sol, mas duas morreram depois de uma troca de vasos, me deixando apenas uma única e preciosa plantinha de três ou quatro folhas.

Meu algodãozinho sobrevivente cresceu bastante e com facilidade, era uma planta linda. Plantei ela no chão assim que pude ir na casa dos meus pais, que fica na Ilha de Itamaracá. Escolhi um local especial para a semente, ao lado de onde antigamente havia uma goiabeira. Eu tinha um apego por aquela goiabeira, na minha infância vivia trepada nela e meus pais me chamavam de Tainá (referência ao filme que eu adorava). Quando meu irmão caçula cresceu um pouco, meu pai mandou fazer uma casinha suspensa de madeira, em cima de onde ficava a goiabeira. Por falta de sol a árvore morreu, mas ao redor dessa casinha a minha mãe começou a cultivar várias plantas de sua escolha, formando assim um pequeno jardim. O pé de algodão foi a minha contribuição para esse jardim e para o espaço lúdico onde hoje as crianças que visitam a casa adoram brincar e passar o tempo. Para mim, o algodoeiro é de certa forma uma homenagem à minha antiga goiabeira e ao meu percurso na área de Artes Visuais. No chão, essa planta cresceu e cresceu, e logo eu colhi tufos de algodão. Me lembro de sentar no chão em um momento agradável junto ao meu pai, que me ajudou a separar o algodão das sementes.

**As sementes** eu prometi a Kathy, que nunca veio pegá-las. Depois dei para Drika, que por sua vez as plantou e presenteou sua avó com os três pézinhos de algodão que brotaram, mas não sobreviveram. - *“Não sei ao certo porque morreu mas acredito que tenha sido por causa do solo. Porque eu tava criando em terra adubada e tals e minha avó só fez um buraco no quintal e tacou o negócio lá. Acho que foi falta de cuidado”* - Quanto às sementes restantes, Drika presenteou um vizinho no bairro do Ibura, Seu Nelson.

**O algodão**, consegui transformá-lo numa pulseira. Foi difícil! Antes tive que aprender a preparar e fiar o algodão: com a ajuda de um vídeo no youtube, montei um fuso a partir de um CD e um palito. Deixo aqui o aviso para quem quiser testar essa técnica que não funcionou muito bem para mim, mas que foi suficiente para fazer a pulseira. Ainda a tenho, hoje está amarrada em torno de um castiçal de cerâmica feito pela minha mãe. O que me faz pensar sobre a origem desse objeto como um todo, sobre como ele é fruto do contato entre pessoas-natureza.



As provocações que a relação com aquela sementinha me instigaram são inúmeras, vale dizer que esse percurso inteiro é para mim algo que me passa, que é significativo, que virou parte de quem eu sou e que segue seu caminho próprio criando novos significados ao longo do tempo. Significados que eu jamais imaginaria quando vi aquele gesto bonito e afetivo que Anna fez ao me oferecer as sementes. O meu algodoeiro segue crescendo e hoje é até mais alto do que a casinha ao lado da qual foi plantado.

**Larissa Dutra**

Recife-PE

agosto de 2021



Figura 1. montagem digital com três fotos ilustrando o algodoeiro e o algodão. Fonte: imagens de arquivo pessoal da autora.

### Da disseminação de coragens ancestrais

Era uma carta de tarô. Um tarô diferente do de Marseille. A carta tinha um número, ao lado dele, a palavra: **CORAGEM**. Na imagem, o exato momento em que de uma pequena semente começa a brotar o que virá a ser, quiçá, uma árvore. Até tenho um baralho de tarot, mas não desse, uma amiga me apresentou a ele em sua casa. A carta ficou tão impressa em minha mente que a procurei na internet, imprimir em papel como se fosse um cartaz e colei no painel que ficava atrás da minha mesa de trabalho. Era 2014, naquele momento eu fazia mestrado em Artes Visuais na UDESC, em Florianópolis-SC. Esboçava o que já era, apesar de não saber-se, uma dissertação. Sempre que começava a escrever sentia então que minha escrita era como aquela semente. A carta ou a coragem que dela emanava, me regava, era como um insumo necessário para quebrar a dormência das palavras. Evoco essa memória agora porque outro dia recebi um texto que poderia ser também uma carta



de tarô, talvez a sequência daquela. Larissa escreveu e compartilhou comigo um relato sobre o cuidado que teve com a semente de algodão que lhe dei no primeiro dia de aula de Arte Ambiental, matéria que ofereci quando professora substituta da UFPE no Recife, em 2017. No final do texto, a foto de uma árvore, um algodoeiro maior do que a própria casa ao lado da qual ele foi plantado.

**CUIDADO**, poderia ser esse talvez o nome da carta de tarô desenhada por Larissa, caso fosse uma. Dei sementes a toda a turma presente naquele primeiro dia de aula. A aula é um tipo de sementeira da qual nem sempre conseguimos ter notícias imediatas, que dirá remotas. Quando elas surgem assim, depois de tanto tempo, causam encantamento, tipo aquele instante em que a flor desponta de um cacto, sabe? O que cada uma faz com a proposta que a gente traz já não está no nosso campo de visão, é subterrâneo. A semente brota ou não, no devido tempo, dependendo das condições que encontra em cada solo, cada contexto, cada momento. Na semana passada, na aula de Tópicos em Arte e Contexto que estou fazendo no Doutorado, agora na UNICAMP, o professor nos sugeriu que escrevêssemos a história de alguma coisa/objeto. A proposta veio pouco depois do dia em que eu disse à Larissa que escreveria a ela a parte da história em que a semente esteve comigo. Esta é então uma escrita em momento de plantio. Nutriente importante para que ela possa brotar é eu conseguir lembrar: de onde mesmo veio aquela semente de algodão?

A primeira recordação que me vem é novamente dos tempos de mestrado. Fiz uma matéria chamada Arte Relacional, oferecida naquele semestre pelo professor José Luiz Kinceler. Não lembro se vivi ou se me contaram que em algum outro semestre ele tinha dado sementes a todos os presentes no primeiro dia de aula dessa matéria. Só sei que ela certamente foi e é uma semente para mim. Zé, como era chamado, elaborou a proposta de planejamento toda baseada em uma pergunta: "Como é que vamos envelhecer?". Movimentadas por muitas discussões de textos e construção coletiva de caminhos, passamos aquele semestre intercalando convivências artísticas (ou não) na Universidade e em um Asilo de idosos, no norte da Ilha de Florianópolis. Um semestre convivendo com aquelas pessoas, tão presentes na impermanência da vida, cada dia delas me parecia sinônimo daquela carta da coragem. Zé não envelheceu muito além daquele ano, mas suas sementes são uma floresta que certamente anda frutificando por aí/aqui. Não pude contar isso a ele enviando-lhe um texto, mas lhe disse, quando em um sonho, o encontrei pessoalmente.

Já a semente, aquela de algodão-mocó, que hoje é uma árvore ao lado da casa dos pais de Larissa, quem me deu mesmo foi meu amigo Bebeto. Lembrei bem agora, da cabaça onde ele guardava outras tantas além das de algodão. Peguei também, no mesmo dia, algumas sementes de quiabo e arroz. Sim, Bebeto fez todo um esquema de tratamento de água da casa, mesmo que alugada, que culminou num brejinho onde plantou arroz crioulo. Fazer do chão de onde se está, sementário (ou seminário, como me corrige aqui o dicionário), mesmo



que temporário. Não sei se esse é um conceito de Arte Relacional ou Arte Contextual escrito e legitimado em algum livro de algum crítico de Arte. Não o trago aqui como citação. Apenas compartilho a lição do que tenho aprendido na **CONVIVÊNCIA** e **CIRCULAÇÃO** entre gentes, sementes e suas histórias. Há alguns dias perguntei a Bebeto, que mora em um vilarejo perto de Brumadinho-MG, se poderia me falar, por áudio, um pouquinho mais sobre aquela semente de algodão.

**De onde ela vinha?** Me contou então que aquele era um tipo de algodão conhecido por sua resistência, que por muito tempo tinha sido a principal fonte de subsistência do sertão e que por conta da propagação de uma praga chegou a ficar ameaçado de extinção. Algodão-mocó, o ouro branco do semiárido nordestino, assim chamado e até cantado por Luiz Gonzaga. Ouvi isso e pensei na saga daquela sementinha. Será que ela vinha do nordeste e a ele teria então regressado? Lembrei do que minha avó me disse quando eu fui morar em Pernambuco, que eu estava voltando à terra de meus antepassados, seus pais. Bebeto me disse mais, contou que as sementes vinham da casa da avó de sua companheira, Jéssica. Dona Isaura o nome da avó, descendente de mãe indígena pataxó, viva, 98 anos, “rega até hoje suas plantas”. “98 anos”, voltei com atenção a essa parte do áudio. Lembrei novamente da pergunta de Zé: “Como é que vamos envelhecer?” Sigo sem saber como responder. Era como se ele quisesse nos preparar para o que viria. Como envelhecer em tempos de pandemia? Pandemia de coronavírus, de genocídios, etnocídios, sonhicídios... Como cultivar a vida na presença de tanta morte?

Olho pela janela da casa de meus pais, em Campo Grande, centro-oeste do Brasil, cerrado em seca forte. Vejo um Ipê ou seria outra carta de tarô? Lá está ele, sei que é rosa porque esteve florido há alguns dias. Hoje, totalmente sem folhas, caduco, carregado de cápsulas de sementes. O Ipê é uma espécie de árvore chamada caducifólia, ou seja, no tempo de extrema seca, quando se sente ameaçada, ela deixa cair todas suas folhas e coloca toda sua energia em seu florescer colorido e majestoso (que dura no máximo uma semana). As sementes vêm logo em seguida, em abundância. São um ato de esperança. Vejo um Ipê e nessa imagem, muito mais: sinais de propagação da vida, táticas tácitas de cuidado e disseminação de coragens ancestrais.

Annaline Curado  
Campo Grande-MS  
Agosto de 2021



Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

---

<sup>1</sup> Mestre em Artes Visuais (UDESC). Doutoranda em Educação (PPGE UNICAMP). Professora Assistente da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: [anninha.piccolo@gmail.com](mailto:anninha.piccolo@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais (UFPE) . E-mail: [larissadtra@gmail.com](mailto:larissadtra@gmail.com)